



Identidade e mestiçagem

OFÉLIA MARIA MARCONDES

ofelia.marcondes@uol.com.br

Assim como Abbagnano (2006), temos a convicção de “que nada do que é humano é alheio à filosofia e de que, ao contrário, esta é o próprio homem, que em si mesmo se faz problema e busca as razões e o fundamento do ser”. Portanto, tudo o que se refere ao ser humano, interessa à Filosofia da Educação, ou seja, para a filosofia da educação interessa todo o trabalho de um filósofo que trate sobre o que é o ser humano e qual a sua natureza, pois educar exige compreender o homem e sua relação com a tradição humana. Educação é um fenômeno humano que se constitui como instituição social, como ação humana, como instrumento de emancipação, como coerção e exercício da liberdade simultaneamente, como trabalho pedagógico ordenado e sistematizado, como ações informais para a promoção humana, entre outras formas que possa assumir. A prática educativa mediatiza a humanização dos homens que se dá através do trabalho e da relação com a natureza, da sociabilidade e da cultura e seus produtos simbólicos.

Todo filósofo é objeto de estudo para a filosofia da educação, principalmente porque “a flor e o objetivo de toda filosofia verdadeira – insiste Dilthey – é a pedagogia, em sentido mais amplo, teoria da formação do homem” (AMARAL, 1987, p. 127). Toda filosofia desemboca na pedagogia, teoria da formação do homem que exige compreender quem é este homem educável e que educa, para que se educa e em quais circunstâncias se educa. Ora, pensar o homem é pensar a educação.

Neste sentido é que este trabalho se insere, buscando compreender como Leopoldo Zea discute a questão da natureza humana e a relação do homem com suas circunstâncias, elemento constitutivo de sua identidade. Sofrendo grande influência de Ortega y Gasset (1984) que afirma: “eu sou eu e minha circunstância” (p. 23, tradução nossa), Zea constrói sua filosofia nestas duas grandes categorias: mestiçagem e circunstância.



Para Leopoldo Zea, o ser humano é mutável e que a construção de sua identidade está ligada às circunstâncias pessoais, sociais e da própria humanidade como categoria mais ampla da vida humana. A história da identidade do homem latino-americano está diretamente relacionada com o eurocentrismo inscrito na América Latina a partir do século XV.

O homem latino-americano se encontra diante da emancipação política, já dada pelos processos de independência, como no caso do Brasil, ou conquistada por meio das lutas de libertação, mas, ao mesmo tempo, está diante da dependência cultural e da busca, em consequência, de algo que lhe fosse próprio, autêntico, verdadeiramente latino-americano. Então, nos encontramos com a necessidade da busca da identidade: “a busca da identidade como forma de ultrapassar o anonimato promovido pela civilização [...] Nesta busca pela identidade, vai sendo encontrado o indivíduo, não qualquer indivíduo, mas o indivíduo concreto” (ZEA, 2005, p. 337, tradução nossa), o homem de carne e osso em suas múltiplas expressões. Este homem concreto, o latino-americano, deseja ser um homem e não apenas uma abstração que anule as diferenças socioculturais. O que faz deste homem um homem inserido numa circunstância, que, em última análise, partilha da circunstância humanidade como todos os homens: “o americano, não mais [e] nem menos que um homem” (ZEA, 1991, p. 142, tradução nossa).

O problema identitário do latino-americano se agrava quando “os positivistas latino-americanos do século XIX intentaram deixar de ser o que eram para poder se assemelhar àqueles que, na Europa e nos Estados Unidos, haviam sido a mola da modernidade” (ZEA, 2000, p. 69, tradução nossa) porque, quando do descobrimento, os indígenas perderam sua identidade; quando colonizado, o homem mexicano fez “más cópias” da cultura europeia e, com o positivismo, após a independência, o mexicano busca novamente na Europa um modelo a ser importado.

A busca da identidade de um povo é a “tentativa para salvar homens e povos do nada do ser e do não-existir, problema de identidade que se esboça e se esboçou para homens e povos conscientes de sua marginalização” (ZEA, 2005, p. 343). O mestiço é jogado no vazio de sua existência ao se descobrir nem europeu e nem índio. É a identidade este



algo que nos assemelha e que também nos distingue diante de outros homens, é o ponto de partida para a afirmação de um homem, de um povo e da própria humanidade, principalmente daqueles homens colocados à margem do mundo europeu e norte-americano. Olhar para si mesmo como um valor humano, reconhecendo-se num mundo que também é o seu mundo: “a identidade como forma de identificar-se em um contexto no qual se é visto como estranho, contexto do qual quer apropriar-se” (ZEA, 2005, p. 335) é a busca de sentido para a existência.

O início de nossa reflexão sobre identidade nos remete ao que Zea chama de imitação da filosofia europeia. O homem concreto da América¹ tem problemas que se apresentam apenas nas circunstâncias nas quais ele está inserido e, portanto, são problemas que só são problemas para este homem, nesta circunstância. Assim, só este homem está capacitado para resolvê-los. Em busca de soluções, o homem recorre à história e só encontra, neste caso, más cópias da filosofia europeia porque busca uma solução numa circunstância distinta. O conforto de fazer cópias de um modelo europeu pode estar na explicação que Gagnebin (1997) dá para imitação: “para se salvar do perigo, o sujeito desiste de si mesmo e, portanto, perde-se” (p. 87). Sem uma identidade que lhe seja própria, sem a consciência histórica que lhe mostre que seu passado está na base de sua formação, o homem latino-americano se perde ao desistir de si mesmo quando opta por imitar as soluções europeias para a solução de problemas de sua circunstância de América Latina. Isto acaba por resultar em más cópias, como Zea costuma chamar. Neste sentido, este homem não é nem europeu e nem latino-americano. Nem europeu porque não está na Europa, não vive os desafios das circunstâncias europeias. Nem latino-americano porque se perde na imitação das soluções europeias que não alcançam o sucesso esperado diante dos problemas que ele tem que enfrentar.

O processo imitativo refere-se ao servilismo na relação colonizador-colonizado que mantém o estado de alienação do latino-americano. Este homem concreto da América

¹ Para Leopoldo Zea, América é a América Latina. Ao se referir aos Estados Unidos, Zea utiliza a expressão América do Norte.



serve à metrópole de modo que esta o mantém servil, mas este também se mantém nesta relação porque entrega seus desejos à necessidade do outro que, por imposição de um modelo de sociedade acaba por impor uma concepção de homem e de sociedade que este latino-americano trata de imitar e assim mascarar a realidade de dependência, alienando-se. Esta alienação é necessidade e opção simultaneamente, já que não há outra alternativa ao latino-americano diante da justaposição de culturas como é a América. Não consciente deste estado de dependência, o latino-americano imita o modelo de vida e a concepção de mundo do europeu, já que a América é a terra do futuro, uma terra de projetos. Enquanto não se efetiva como uma terra autêntica e original imita as relações de poder da Europa. Este modelo de relação que mantém o latino-americano num estado de inconsciência de seu papel diante da história da humanidade acaba por ser um exemplo de uma constituição repressiva do sujeito.

A própria ideia de identidade é uma mescla entre coerção e arbitrariedade. A quem interessa manter o homem latino-americano em contínua construção de “más cópias” da cultura europeia? Em que medida a imposição de modelos interessa ao latino-americano? Zea compreende que estas “más cópias” da cultura europeia serviram para solucionar os problemas que, em dada situação concreta, se apresentaram a este homem concreto. “Acaso neste ser ‘más cópias’ está o que buscamos e não queremos ver, o nosso, o pessoal, o que nos caracteriza, o que resiste ao ser semelhante ao europeu. Em outras palavras, aqui se encontra nossa americanidade” (ZEA, 1945, p. 66, grifo do autor, tradução nossa).

A identidade, no sentido arbitrário de seu caráter, atende ora a um setor da sociedade, ora a outro e, portanto, mantém o sistema de dominação porque conserva a alienação como modo de relação entre a cultura europeia e a cultura americana. A imposição de modelos, ou seja, este caráter coercitivo da identidade, também favorece a manutenção da alienação, pois enquanto o latino-americano encontra respostas a seus problemas na cultura europeia, melhor para ela e melhor para a manutenção do estado de servilismo que encontramos nas relações Europa-América. Esta inconsciente identidade imitativa mantém as relações de dominação.



Somos todos mestiços e isto fica claro quando Zea aponta a definição de mestiçagem de Simón Bolívar:

É impossível atribuir com propriedade a que família humana pertencemos [nós, latino-americanos]. A maior parte do indígena foi aniquilada, o europeu se misturou com o americano e com o africano, e este se misturou com o índio e com o europeu. Nascidos todos do seio de uma mesma mãe, nossos pais, diferentes na origem e no sangue, são estrangeiros, e todos diferem visivelmente na epiderme; esta dessemelhança nos impõe uma obrigação da maior transcendência. (BOLÍVAR, 1978 apud ZEA, 2005, p. 167)

E Zea assume a difícil tarefa de definir a identidade do latino-americano, fruto desta mestiçagem. Somos todos mestiços e nos conscientizarmos desta identidade só é possível aceitando o passado, enfrentando as circunstâncias do presente e participando da construção do futuro.

Ao olhar para a América, Zea constata o estado de dependência e entende que toda e qualquer emancipação ou libertação só será possível através da compreensão histórica e da assunção do passado, não “querendo ser como outros que vamos cancelar nossa situação de dependência [...] Não é imitando uma civilização que acabamos com nossa suposta barbárie” (ZEA, 1976, p. 453, tradução nossa). Diante da consciência de que imitamos a cultura europeia, passamos a buscar em nós mesmos o que nos é próprio, o que nos pertence enquanto sujeitos históricos desta cultura. A consciência histórica permite o reconhecimento de uma identidade que lhe é própria, porque, segundo Zea, “a tomada de consciência da história evidencia sua própria origem: o indivíduo, o homem concreto em relação inevitável com outros indivíduos, com outros homens” (ZEA, 2005, p. 48).

A reflexão de Zea com relação à identidade do latino-americano tem como base a tomada de consciência deste estado de dependência que se mescla com a identidade de um vir a ser. Seu objetivo é conciliar a singularidade americana com a circunstância humanidade que está expresso em sua afirmação de que o homem latino-americano é um homem, pura e simplesmente. Este homem concreto da América que, como todo homem é mutável e histórico, carrega uma identidade também histórica que abriga a diversidade e a pluralidade própria da justaposição de culturas que a América vivencia.



Esta justaposição de culturas inclui tanto a cultura europeia quanto as culturas indígena e negra. O índio é o outro da realidade latino-americana.

Os pensadores latino-americanos que no início do século XX partiram em busca da identidade do latino-americano encontraram o índio: expressão concreta do homem. Expressão concreta também da exploração e do extermínio. Este encontro com o índio é o encontro com o outro que é parte deste homem latino-americano. Zea explica que os pensadores que queriam compreender e justificar a autêntica cultura latino-americana partiram em busca da compreensão da identidade do homem da América e

buscando em sua realidade, o pensamento latino-americano se encontra com o homem. Com o homem em uma de suas expressões concretas: o índio. [...] Mas agora, nesse buscar sobre si mesmo, o pensamento desta América encontra o índio como quem encontra a outra metade de seu próprio ser. [...] O índio é o outro e, como tal, está lá, como uma inevitável prolongação de nosso ser. (ZEA, 1976, p. 460-461, tradução nossa)

O índio é a outra parte do ser do homem latino-americano.

Segundo Beltrán, “índio” refere-se aos “descendentes da população originalmente americana que sofreu o processo de conquista e que está sob uma dependência colonial [...] O termo índio imposto pelo colonizador espanhol nunca determinou uma qualidade étnica, mas uma condição social.” (Cf. ZEA, 1976, p. 459, grifo do autor, tradução nossa)

Segundo Leopoldo Zea (1976), ao índio “pesa uma larga tradição de um suposto humanismo latino-americano [...] O indígena, como homem concreto, tem sido, uma e outra vez, colocado na fauna e flora que hão de ser exploradas para alcançar a incorporação da América Latina ao progresso.” (p. 464, tradução nossa) Colocar o índio como parte da fauna e da flora só é possível para uma filosofia tradicional que converte o homem em uma abstração a serviço das interpretações e das necessidades de outros homens e de seus interesses. Este humanismo abstrato marginaliza o homem concreto. Uma filosofia circunstancial, concreta, jamais consegue olhar para o homem sem olhar também para sua realidade. A realidade é que as massas indígenas foram colocadas à margem do mundo ocidental e isto fez com que o homem latino-americano se acreditasse europeu, imitando sua cultura. Ao encontrar-se com o índio, posto no seu



devido lugar de “a outra metade do ser latino-americano”, joga este homem no vazio de sua identidade: acreditava-se europeu e agora se defronta com sua parte indígena; nem é europeu, nem é índio. É o homem mestiço que está à margem da Europa e também da América. Um mestiço que foi considerado pela cultura europeia como um infra-homem²: nem é milenar como os asiáticos, nem é primitivo como os africanos. É uma justaposição de culturas que lhe nega uma identidade.

Considerar o mestiço um infra-homem, ignorando a realidade da mestiçagem, marginaliza o homem concreto, o que facilita a manipulação ideológica deste homem descaracterizado em sua identidade.

Neste movimento de busca da identidade do latino-americano, o próprio homem se encontra com a metade de seu ser no índio o que, segundo Zea nos coloca diante da exploração que sofremos como homens da América Latina. A realidade humana é expressão da multiplicidade de relações e de concretudes nas mais diversas dimensões e que reconhecer um ser não pode negar outro. O homem é expressão concreta de seus quefazeres, é

multiplicidade de diversidades específicas, mas não tão diversa que, de alguma forma, se possa transformar em super-homem ou sub-homem. A afirmação do ser do índio nesta América, não terá que implicar a negação do homem branco. A afirmação dos valores da cultura indígena não poderá, tampouco, implicar a negação dos valores da cultura que, por via da dominação, o homem desta América tem feito seus. Se trata, de uma vez por todas, de integrar, não de separar. De construir, não de destruir. (ZEA, 1976, p. 467, tradução nossa)

Esta mesma construção, integração, cabe em relação ao negro. Segundo Zea, o negro da América tem consciência de sua descendência africana, sabe-se herdeiro de seus avós escravos e vítima da exploração da mão-de-obra. Diferentemente dos índios, para Zea (1976), os negros têm voz, há “um conceito de ‘negritude’ tomado como instrumento reivindicativo do homem negro e suas expressões culturais” (p. 469, grifo do autor,

² Este infra-homem se refere ao modelo europeu. O mestiço não corresponde ao modelo europeu do homem abstrato. A miscigenação resulta num rebaixamento da condição de homem. Com relação a isto e à ideia de que o infra-homem é inferior ao homem asiático e ao homem africano, ver página 363 de *A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Zea, ao contrário, valoriza a mestiçagem como uma categoria importante na constituição e na compreensão da identidade do latino-americano.



tradução nossa). Este movimento reivindicatório ressalta um homem concreto e não uma visão romântica ou emudecida ou abstrata de homem, mas um homem com uma determinada cor de pele, cabelo, olhos e cultura.

Para Zea, indigenismo e negritude são conceitos ideológicos que têm como origem mais que uma questão étnica, sua origem está na marginalização destes povos e em sua situação de dependência, portanto são expressões concretas do homem; expressão de homens distintos por raça e pela diversidade de sua cultura, mas não menos homens do que todos os homens. “O homem vai se realizando dia a dia dentro de uma pele, com uma carne, um sangue e também dentro de um mundo físico, cultural, histórico. [...] Homens tão concretos [...] plenos de possibilidades” (ZEA, 1991, p. 298, tradução nossa).

A diversidade se encontra com a unidade do ser do homem que partilha do que há em comum com todos os homens. Esta compreensão do homem como um homem igual e diverso a todos os homens é o que faz com que Zea, através de sua práxis de denúncia do estado de dependência, anuncie a igualdade entre todos os homens, aspire à liberdade e reclame os direitos humanos a todos os homens e não só ao latino-americano. A tão almejada liberdade e a inserção do latino-americano no destino da humanidade só são possíveis se houver a tomada de consciência do estado de dependência e de sua identidade de mestiço.

Para Zea, quando o homem conhece a si mesmo, seus limites e suas possibilidades, quando conhece suas circunstâncias, torna-se capaz de encontrar soluções autênticas e originais para os problemas de suas circunstâncias, sem a necessidade de recorrer ao que lhe é alheio. Para tanto, em primeiro lugar, o que “devemos intentar é uma descrição sincera de nossas circunstâncias, da realidade que nos é mais próxima e com a qual temos que contar” (ZEA, 1945, p. 40, tradução nossa). Este conhecimento de nós e de nossas circunstâncias nos permite melhores soluções. Porém, o latino-americano ainda não consegue definir o que lhe é próprio. Zea diz que acontece algo muito estranho ao latino-americano: “somos conscientes de que a cultura europeia não é nossa, que a imitamos, mas se buscamos em nós mesmos, não encontramos isso que



queremos chamar de nosso [...] Temos nos encontrado com um ser que não temos feito.” (ZEA, 1945, p. 43, tradução nossa).

Ter consciência de nossa mestiçagem nos leva a olhar nossa circunstância de uma maneira inteiramente nova porque não é uma visão de mundo nem indígena, nem europeia, nem negra, mas do europeu, do índio e do negro.

A visão de mundo deste homem mexicano não é a dos povos pré-colombianos, pois esta lhe parece alheia, assim como, apesar da cópia da cultura europeia, este homem concreto não reconhece como sua a visão de mundo europeia. Isto se explica porque tanto as circunstâncias nas quais se deram a visão de mundo dos povos pré-colombianos como a dos europeus não são as mesmas circunstâncias do homem mexicano e do homem de outras nacionalidades latino-americanas. Apesar disto, segundo Zea (1945), “nos sentimos demasiadamente europeus e nos esquecemos que somos americanos” (p. 45, tradução nossa).

Então, o que é ser latino-americano? A esta questão Zea responde: “homens concretos e, portanto, não menos homens que os que se apresentavam a si mesmos como modelo de humanidade” (ZEA, 1976, p. 474, tradução nossa). E mais, a resposta também está na adaptação da cultura europeia às necessidades ou circunstâncias do homem latino-americano: “recortar, adaptar o que herdamos às nossas necessidades é reconhecer nossa personalidade, é reconhecer nosso próprio ser. É saber-nos americanos.” (ZEA, 1945, p. 46, tradução nossa). Adaptar a cultura europeia às nossas necessidades é reconhecer nossa inferioridade, nossa incapacidade para dar respostas autênticas aos nossos problemas. Nisto consiste a discussão de Leopoldo Zea sobre a mestiçagem e a necessidade da tomada de consciência frente a nossa realidade histórica de colonizados porque, segundo Zea, o homem americano tem negado reconhecer que é americano, portanto, mestiço. Só mediante isto é que se torna possível a emancipação sociocultural da América Latina. Enquanto não nos enxergarmos como mestiços que somos, estaremos dependentes das soluções da Europa e, mais recentemente, da América do Norte, para nossos problemas que estão na circunstância latino-americana.



O problema da identidade na América Latina tem início quando da época do descobrimento. O europeu considera que a América não tem história antes dos descobrimentos e faz questão de manter este continente como uma terra de projetos, de utopias, de ideais, presente apenas no futuro e, desta forma, mantém a América como dependente de suas soluções, pois este estado de dependência, de infantilidade faz com que o americano não se aventure dentro da própria cultura. Neste estado de coisas, as circunstâncias americanas não passam de possibilidades o que convence o latino-americano a continuar fazendo cópias da cultura europeia.

Segundo Zea (1957), os colonizadores espanhóis “havia dado origem a um tipo de homem inferior ao próprio indígena: o mestiço. Por isso, o prussiano De Pauw, o francês Buffon e muitos naturalistas saxões insistiram na baixa qualidade dos homens que haviam originados os povos da América Ibérica” (p. 181, tradução nossa) porque “tanto portugueses como espanhóis eram, antes mesmo do descobrimento e colonização da América, povos mestiços (Zea, 1956, p. 77, tradução nossa). O mestiço já surge como um rebaixamento do próprio homem, inferior ao indígena, inferior ao colonizador, logo, fora do conceito de homem universal proclamado pela filosofia tradicional e pelas culturas europeia e anglo-saxônica. Assim, “a América Ibérica está fora do chamado mundo ocidental, fora da história.” (ZEA, 1957, p. 181, tradução nossa)

O homem tem se definido através de sua história. Se o homem não tem história, não é homem e, portanto, depende de seu colonizador. Por outro lado, se não tem história, este homem é comparado ao animal e pode ser dizimado, acorrentado, escravizado. Já que não tem história, também não tem identidade. Sobre isto, Zea explica que:

o homem tem sido definido por sua história. Se tem dito que o homem se diferencia do animal, ou de qualquer outro ser, porque tem história. Mas se tal coisa é assim, poderia surgir um grave problema que é o de saber que tipo de homem é o americano, já que parece não ter história. (ZEA, 1945, p.51, tradução nossa)

A identidade do latino-americano está intimamente ligada à herança cultural da Europa e cabe ao latino-americano conscientizar-se de que, “queiramos ou não, somos filhos desta cultura; isto é algo que não podemos negar, nem evitar. Da Europa temos o corpo,



a estrutura, a base sobre a qual nos apoiamos. Língua, religião, concepção de vida, etc. temos herdado da cultura europeia. (ZEA, 1945, p.56, tradução nossa)

E, como herança, o homem latino-americano não pode se desprender da cultura europeia, operando uma ruptura, porque na própria dialética da luta do homem com as circunstâncias, ele absorve e adapta esta cultura, faz uso dela para resolver suas questões. É justamente neste sentido que Zea trata a compreensão do homem através da assunção do passado.

Zea afirma que o latino-americano deve tomar consciência da realidade como uma multiplicidade de expressões e que sua realidade é a justaposição de culturas de modo a manter diferentes formas de dependência imposta “ontem pelo mundo ibérico, agora pelo mundo chamado ocidental” (ZEA, 1976, p. 9, tradução nossa) que aqui refere-se ao norte-americano.

Na busca pela identidade “que identifique, com precisão, homens com outros homens, mas sem confundi-los entre si” (ZEA, 2005, p. 342) é que o latino-americano se encontra com o homem, pura e simplesmente, o homem concreto, “com suas peculiaridades, a cultura e a pele que fazem dele uma pessoa concreta e não uma abstração” (ZEA, 1976, p. 451, tradução nossa). E seus esforços estão direcionados no sentido de “mostrar como as diferenças são só acidentais e como, por debaixo delas, se esconde o homem simplesmente.” (ZEA, 1952, p. 201, tradução nossa)

Graças à tomada de consciência de que imitavam os modelos políticos, econômicos, sociais e culturais da Europa e dos Estados Unidos, esta busca da identidade do latino-americano tem início, pois começam as perguntas, por parte dos próprios intelectuais da América, sobre a existência ou não de uma literatura, de uma filosofia, de uma cultura latino-americana.

No esforço de imitar, no esforço de sentir-se mais franceses, ingleses ou ianques, muitos dos latino-americanos acabaram por sentir-se estranhos, homens exilados, dentro da realidade que, querendo-se ou não, lhes era própria. [...] Não eram nem americanos, nem europeus [...] Foi dentro desta situação que surgiu a grande preocupação latino-americana pelo que fosse o sentido próprio de sua cultura. [...] Algo teria que ser América Latina, seus



povos e seus homens. Algo haveria que os definisse como tais, e este algo poderia ser o ponto de partida para a realização do que sonhavam ser. (ZEA, 1965, p. 8, tradução nossa)

Este ponto de partida é, sem dúvida, a consciência histórica de que o latino-americano é mestiço. Só a partir do conhecimento de si mesmo, o latino-americano tem condições de exigir seus direitos na participação da construção e da condução da história da humanidade. Como afirma Zea,

de uma maneira ou de outra, estes povos [latino-americanos] estavam fazendo história e, com a história, uma cultura, isto é, um conjunto de valores e princípios, [...] no que se expressava necessariamente um modo de ser, a experiência peculiar de uns homens em umas determinadas circunstâncias que não tinham que ser inferiores às experiências de outros homens. (ZEA, 1965, p. 9, tradução nossa)

Para Zea, o homem latino-americano só poderá exigir o “reconhecimento de sua humanidade e o de sua participação no fazer de uma história que deve ser de todos os homens” (ZEA, 1976, p. 9, tradução nossa) ao reconhecer-se como um homem entre todos os homens. Nesta busca contínua de sua identidade cultural é que o latino-americano se descobre “não como gentes especiais, originais ou singulares, mas semelhantes à totalidade dos povos do mundo” (ZEA, 1965, p. 18, tradução nossa). Isto significa dizer que estes homens: europeus, negros, índios, mestiços, crioulos buscam, no reconhecimento de sua identidade, a afirmação desta própria identidade, também buscando, com isto, “o apoio e a justificação de seu direito de participar nas tarefas próprias de todos os homens.” (ZEA, 2005, p. 346)

No século XIX, segundo Zea, muitos intelectuais refletiram sobre a identidade do homem da América, o que se repete nos meados do século XX diante da crise da cultura em meio à guerra fria e o domínio crescente dos Estados Unidos:

esta preocupação tem sido novamente preocupação central de nossos dias [...] frente a um mundo em crise, frente à [...] crise cultural [...] preocupação da maioria dos povos do mundo que tratam, como nós, de situar-se, de se conhecer, dentro de um âmbito mais amplo, dentro de uma relação de povos e homens (ZEA, 1965, p. 9, tradução nossa)

O mundo latino-americano é “um mundo mestiço em que conquistador e conquistado estão mesclados” (ZEA, 2000, p. 74, tradução nossa). É “o mestiço precisamente, flor e



fruto da união do conquistador e do conquistado. O mestiço e a mestiçagem, com isto desaparece a odiosa discriminação racial que, de uma maneira ou de outra, tornou possível a ordem herdada pela América Latina e que vai, felizmente, desaparecendo.” (ZEA, 1996, p. 97, tradução nossa) E é neste mundo que o mestiço, ao se reconhecer como tal, como o homem concreto da América Latina, através da compreensão histórica, “se concebe como ente concreto que deverá ser respeitado como tal e, a partir deste respeito, é possível participar de uma tarefa que não é exclusiva de uns homens, mas de todos os homens: seu próprio futuro” (ZEA, 2005, p. 344). O mestiço se reconhece como este homem concreto que vive e morre na América Latina, “é o retorno a si mesmo, mas não para ficar ancorado em seu peculiar modo de ser, mas para prolongar-se em outras expressões do humano, considerando-as como próprias” (ZEA, 2005, p. 346).

A questão da identidade que perpassa a questão da mestiçagem revela, segundo Zea, uma identidade que vai além do mestiço, supera as questões de raça, de etnia, de origem e chega à ideia de compreensão, de superação, de igualdade, de libertação, porque

o homem, todo homem, é igual a qualquer outro homem. E esta igualdade não advém de que um homem ou um povo possa ser cópia fiel de outro, senão de sua própria peculiaridade. Isto é, um homem, ou um povo, é semelhante a outros por ser como eles, distinto, diverso. Diversidade que, longe de fazer dos homens indivíduos mais ou menos homens, lhes faz semelhantes. Todo homem, ou povo, assemelha-se a outro por possuir uma identidade, individualidade e personalidade. (ZEA, 2005, p. 55)

Diante da mestiçagem e da crise na qual o mundo está mergulhado, o latino-americano se pergunta por sua identidade e Zea responde:

Em relação à pergunta sobre o que são, a resposta foi e terá de ser uma simples evidência: são homens. Homens concretos, como todos os homens, sempre em situação igualmente concreta; com um corpo e um modo de ser concretos. A partir desta evidência, desta verdade irrefutável, necessitará construir a relação com outros homens, seus semelhantes. (ZEA, 2005, p. 348)

Para Zea (2000), “não é no passado onde nossa América poderá definir sua identidade cultural, mas no presente em que se tenha plena consciência da diversidade de expressões desta identidade [a latino-americana]” (p. 74, tradução nossa). A



consequência da tomada de consciência de sua identidade mestiça está na superação das relações de dominação, na ação solidária, na compreensão do outro homem como distinto e como semelhante. É a liberdade que repousa sobre as relações entre os homens.

Zea avança sua discussão sobre identidade partindo do mestiço, chegando ao homem, pura e simplesmente, o homem concreto da América Latina. Mais adiante, em sua obra sobre o fim do milênio, publicada no ano de 2000, Zea entende que todos nós somos mestiços e assim o declara ao citar o bailarino Maurice Béjart que declara ser

um marseilhês, francês, europeu ocidental que se sabe imerso e parte de um horizonte humano extraordinariamente mais amplo do que o existente. Declara: “sou um mestiço: minha avó materna era curda, meu avô paterno, catalão, minha avó paterna, bretã. Encontro minhas raízes em todos os pontos do planeta. Em todas as partes sou um nômade. Não vivo em nenhum lugar. Ali para onde vou planto minha tenda antes de empreender viagem novamente. Por acaso não somos todos um patchwork de culturas?” (ZEA, 2000, p. 44, grifo do autor, tradução nossa)

Somos todos de todas as partes, vivemos um mundo multirracial, multicultural, multi-étnico. É um mundo mestiço, de diversidade racial e cultural, que acaba por aglutinar culturas que parecem contraditórias. Esta nova consciência planetária exige de nós uma ação mais solidária, semente de um mundo de paz.

Parece-nos que, mesmo após sessenta anos do início das investigações de Leopoldo Zea, a questão da identidade do latino-americano continua sendo alvo de análise e de discussão. O homem concreto da América ainda tem problemas para dizer quem é, qual é a sua imagem.

Para Zea, só através da consciência histórica é que o homem latino-americano tem condições de reconhecer seu ser, sua humanidade e ter conhecimento de sua relação com o mundo e com o homem, isto porque “nem todos os homens, sociedades e culturas têm tido consciência de sua historicidade” (ZEA, 1957, p. 38, tradução nossa). O homem, fazendo uso de sua consciência histórica pode conhecer-se como “ente histórico, flutuante, sem uma constituição permanente” (ZEA, 1957, p. 39, tradução nossa) e ter consciência desta sua identidade humana, o que, por extensão, permite à América



torna-se consciente de sua posição diante do mundo e na história da humanidade. E esta tomada de consciência só é possível a partir do momento que o homem latino-americano começa a se perguntar pelo que há de concreto, de peculiar, de original na cultura da América, o que o identifica como homem latino-americano que participa da circunstância humanidade. Segundo Zea, os esforços direcionados para a compreensão da identidade do latino-americano se depara com o “caráter contingente de nossa cultura e de nosso ser. A pergunta sobre a peculiaridade da cultura e o homem na América tem como ponto de partida esta consciência do contingente.” (ZEA, 1976, p. 49, tradução nossa)

A urgência de Zea em proclamar a necessidade de tomada de consciência e consequentemente de uma compreensão histórica está justamente na base da libertação do homem latino-americano.



Obras consultadas

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABBAGNANO, Nicola. História da Filosofia. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

ALTMANN, Werner. O legado do pensamento filosófico de Leopoldo Zea para a América Latina: o latino-americano universal. História Unisinos, v.9, n.2, p.145-147, mai/ago, 2005.

AMARAL, M. Nazaré de C. P. Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

AMARAL, M. Nazaré de C. P. Período Clássico da Hermenêutica Filosófica na Alemanha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ARTURO CLAPS, Manuel. "Sobre la conciencia de Hispanoamérica". [http://letras-uruguay. espaciolatino.com/claps/conciencia_hispanoamerica.htm](http://letras-uruguay.espaciolatino.com/claps/conciencia_hispanoamerica.htm). Acesso 13 dez. 2009.

CERRI, Luís F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. Revista de História Regional, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Volume 6, Nº 2, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. Filosofia en América Latina. Ciudad de La Habana: Editorial "Félix Varela", 1998.

DILTHEY, Wilhelm. Introducción a las ciencias del espíritu, en la que se trata de fundamentar el estudio de la sociedad y de la historia. México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

DILTHEY, Wilhelm. Teoría de la concepción del mundo. México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

HERNÁNDEZ FLORES, Guillermo. Del circunstancialismo filosófico de Ortega y Gasset a



la filosofía mexicana de Leopoldo Zea. México: Universidad Autónoma de México, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. O problema da consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

JAVIER HIGUERO, Francisco. La conceptualización de la circunstancia em el pensamiento de Leopoldo Zea. Revista Iberoamericana, Pittsburgh, vol. LXX, nº 207, p.565-578, abril-junio 2004

MEDIN, Tzvi. Entre la jerarquía y la liberación: Ortega y Gasset y Leopoldo Zea. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

MEDIN, Tzvi. Leopoldo Zea: ideologia, história e filosofia da América Latina. México: Universidad Autónoma de México, 1992.

MORA, José F. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NEUTZLING, Cláudio. “O ‘Americanista’ Leopoldo Zea”. http://www.ucpel.tche.br/filosofia/leopoldo_zea.doc. Acesso em 07 mai. 2008.

DÍAZ NOVOA, G.. “Enrique Dussel en la filosofía latinoamericana y frente a la filosofía eurocéntrica.” Tese de doutorado. Departamento de Filosofia. Universidade de Valladolid. Espanha. 2001.
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/dussel/euro/gilar.pdf>. Acesso 02 mai. 2008.

ORTEGA y GASSET, Jose. La rebelión das masas. Madrid: Editorial Castalia, 1998.



ORTEGA y GASSET, Jose. Meditaciones del Quijote. Madrid: Ediciones Catedra S.A., 1984.

QUESADA, Miró. Proyecto y realización del filosofar americano. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

ROVIRA GASPAS, María del Carmen (Coord., introd y textos). Una aproximación a la historia de las ideas filosóficas en México: siglo XIX y principios del XX. México: UNAM, Dirección General de Asuntos del Personal Académico, 1997.

SALADINO, Alberto e SANTANA, Adalberto (org.). Visión de América Latina. Homenaje a Leopoldo Zea. México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, Fondo de Cultura Económica, 2003.

SEVERINO, Antônio J. "Apresentação". Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 3, dez. 2006.

SEVERINO, Antônio J. "A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação". Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 3, dez. 2006.

SOFISTE, Juarez. Filosofia Latino-americana: filosofia da libertação ou libertação da filosofia? Revista Ética & Filosofia Política, v.8, n. 1, jun. 2005.

VILLEGAS, Abelardo. La filosofía de lo mexicano. México: Fondo de Cultura Económica, 1960.

ZEA, Leopoldo. América como conciencia. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1972.

ZEA, Leopoldo. América en la historia. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.

ZEA, Leopoldo. América Latina y el mundo. Buenos Aires: Editorial Universitaria De Buenos Aires, 1965.

ZEA, Leopoldo. Autobiografía intelectual (escrita en tercera persona). Anthropos.



Revista de Documentación Científica de la Cultura 89 (1988): 11-19. Disponible em:
<http://www.ensayistas.org/antologia/XXA/zea/zea2.htm>.

ZEA, Leopoldo. Catolicismo y modernismo en la conciencia iberoamericana. *Dianoia – Anuário de filosofia*, México, n. 2, p. 76-108, 1956.

ZEA, Leopoldo. Dialéctica de la conciencia americana. *Dianoia – Anuário de filosofia*, México, n. 4, p. 03-?, 1958.

ZEA, Leopoldo. Discurso desde a marginalização e a barbárie; seguido de, *A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Editorial Ariel, 1976.

ZEA, Leopoldo. *El positivismo en México: nacimiento, apogeo y decadencia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ZEA, Leopoldo. *El positivismo y la circunstancia mexicana*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

ZEA, Leopoldo. *El puritanismo en la conciencia norteamericana*. *Dianoia – Anuário de filosofia*, México, n. 1, p. 46-68, 1955.

ZEA, Leopoldo. *En torno a una filosofía americana*. México: El Colegio de México, 1945.

ZEA, Leopoldo. *Ensayos sobre Filosofía en la Historia*. México: Editorial Stylo, 1948.

ZEA, Leopoldo. *Filosofar a la altura del hombre. Discrepar para comprender*. México: UNAM, 1993a.

ZEA, Leopoldo. *Fin de Milenio: emergencia de los marginados*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

ZEA, Leopoldo. *La conciencia del hombre en la filosofía: introducción a la filosofía*. México: Imprenta Universitaria, 1953.



ZEA, Leopoldo. La filosofía como compromiso de liberación. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.

ZEA, Leopoldo. La filosofía como compromiso y otros ensayos. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.

ZEA, Leopoldo. La filosofía en México. México: Libro Mex-Editores, 1955.

ZEA, Leopoldo. La historia en la conciencia americana. Dianoia – Anuario de filosofía, México, n. 3, p. 57-77, 1957.

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/dussel/euro/gilar.pdf>.

<http://buscon.rae.es/drael/>

http://csh.izt.uam.mx/cen_doc/cefilibe/

<http://cvc.cervantes.es/actcult/zea/bibliografia/prologos.htm>.

<http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/bibliografia/index.htm>.

<http://www.geocities.com/oficinadehistoria/contempcronorevmex.htm>.

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=54>.